

Uma teologia do nome divino em Paul Ricoeur

Vitor Chaves de Souza¹

Resumo: O artigo buscará analisar, através do texto *Nomear Deus* e outros escritos próximos, a ideia de uma teologia do nome divino em Paul Ricoeur. Será estudada a hermenêutica ontológica que torna possível a experiência religiosa mediada pela nomeação de Deus. Após isto, será refletida a implicação ontológica do percurso hermenêutico de Ricoeur diante da diversidade de discursos no texto bíblico. Ao final será exposta a profundidade metafórica da experiência com a nomeação de Deus, o que leva o ser humano à questões de capacidade, esperança e teologia narrativa.

Palavras Chave: nome divino; Deus; teologia narrativa; Paul Ricoeur.

Abstract: This article will analyze, through the text *Naming God* and other writings, the idea of a theology of the divine name in Paul Ricoeur. It will be studied the ontological hermeneutics which makes possible the religious experience mediated throughout naming God. After this, the ontological implications of Ricoeur's hermeneutic route on the diversity of discourse in the biblical text will be reflected. At the end, the metaphorical depth of the experience with the naming of God will be exposed, which leads the human being to subjects such as the capacity, hope and narrative theology.

Keywords: divine name, God; narrative theology, Paul Ricoeur.

Introdução

Paul Ricoeur não se preocupou com os discursos da existência de Deus – como se preocuparam outros filósofos da religião. Ricoeur se interessou, originariamente, pelas *nomeações* bíblicas de Deus – ou, se quisermos, as narrativas sobre Deus. Em suas observações, é possível nomear Deus pela fé porque os textos religiosos que a tradição comporta e transmite já o nomearam. Desta forma, uma teologia do nome divino possuiria uma função elementar no pensamento cristão: a narrativa bíblica funda a nomeação de Deus e torna possível a experiência religiosa mediada pelos textos bíblicos que comportam o nome divino. Qual seria, então, a implicação de uma teologia do nome divino em Paul Ricoeur? O objetivo desta pesquisa é demonstrar como o percurso hermenêutico de Ricoeur, inaugurado por preocupações ontológicas e existenciais, abrange a diversidade de discursos no texto bíblico, com profundidade metafórica e narrativa, ao invés de portar uma metafísica. Para tal tarefa, vasculharemos os textos de hermenêutica bíblica do autor, como também fragmentos autobiográficos, e conferiremos que, devido a ênfase ao texto, uma teologia do nome divino é o salto da teologia para o ser humano capaz, onde pode-se apreender e agrupar a teologia narrativa, cujo significado foi sublimado, racionalizado e incorporado na atualidade.

Aproximações hermenêuticas

Por teologia do nome divino em Paul Ricoeur pressupomos a mediação bíblica do nome de Deus. Ricoeur foi um filósofo protestante. Seu primeiro artigo acadêmico, ainda aluno de filosofia da Sorbonne, em 1935, recebeu o título de “*O chamado da ação. Reflexões de um estudante protestante*”.² No decorrer de sua carreira filosófica manteve-se sempre próximo à teologia, lecionando no *L'Institut Protestant de Théologie de Paris*, voluntariamente, por cerca de 10 anos e publicou inúmeros artigos

¹ Teólogo e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Pesquisador membro do *Fonds Ricoeur*, Paris. E-mail: vitor@chaves.com.br

² “*L'appel de l'action. Réflexions d'un étudiant protestant*”. Cf. VANSINA, Frans D. *Paul Ricoeur Bibliography Primaire et Secondaire*. Uitgeverij Peeters: Paris, 2008, p. VII.

sobre a religião, hermenêutica bíblica e outros assuntos relacionados. Para esta investigação são importantes os diversos materiais que registram sua preocupação acerca da narrativa do nome de Deus – todos disponíveis no acervo do *Fonds Ricoeur*, em Paris – como também os diferentes assuntos que permeiam a questão.

Inicialmente, há, para Ricoeur, nas escrituras do antigo Israel um vasto e profundo trabalho teológico desenvolvido e disseminado nas narrativas bíblicas. Devido a Bíblia não ter se servido da linguagem especulativa, como os gregos, o pensamento bíblico se exprimiu em gêneros diversos, como o gênero narrativo, legislativo, profético, hímnico e sapiencial.³ Todos estes gêneros falam sobre Deus – e é por este “dizer Deus” variado, característico em cada gênero, que há a possibilidade de uma crítica interna e externa presente na Bíblia. Além disso, para Ricoeur, o pensamento grego – a cultura helenística, da qual a carreira filosófica é herdeira – não se opõe, necessariamente, à leitura compreensiva da Bíblia a qual Ricoeur almeja. No caso, a oposição está com a *teologia confessional*, i.e., os desvios interpretativos acumulados pelas grandes tradições históricas do judaísmo e do cristianismo. Se a leitura crítica da Bíblia utiliza o método histórico-crítico, o método compreensivo, diante de sua multiplicidade de interpretações, permitiu centros organizadores normativos. O cristianismo dos primeiros anos reformulou a escola rabínica com uma leitura particular. A constante releitura e reescrita da tradição permitiu o advento das teologias. É a ordenação conceitual e descritiva das narrativas bíblicas que, conforme Karl Barth, constituiu a dogmática – que, para Ricoeur, é a relação de uma “palavra considerada fundadora com um juízo circunstanciado sobre o presente e o futuro das comunidades confessionais”⁴. Ricoeur, portanto, não discursará sobre as dogmáticas, ao contrário, dirigir-se-á ao texto bíblico com o instrumental que lhe cabe: a hermenêutica fenomenológica.

Neste ponto Ricoeur anuncia uma outra leitura além da descritiva e da confessional: a leitura de uma teologia que é caracterizada pela ênfase na narrativa, portanto, a qual poderíamos denominar por *teologia narrativa*. A teologia narrativa é o resultado da última redação do texto bíblico como o conhecemos e o recebemos. A leitura que dá ênfase à narrativa do texto tem na codificação bíblica feita pelas autoridades eclesiais o seu paradigma de leitura. Aqui podemos mencionar Northrop Frye e *The Great Code*, como também Paul Beauchamp e *L'un et L'autre Testament*. Estes autores privilegiam em suas hermenêuticas a leitura canônica de encontro às interpretações das autoridades eclesiais. Estas hermenêuticas concordam e tentam reproduzir “a mensagem que os últimos redatores das últimas composições da Bíblia quiseram transmitir”⁵. Ricoeur, sem ignorar o método histórico-crítico, alerta que é fundamental para qualquer leitura bíblica levar em consideração a estrutura do próprio texto como também as interpretações propostas por rabinos, pela hermenêutica cristã dos padres e dos medievais. Demasiada vezes o Novo Testamento é lido pelas autoridades eclesiais como a sequência do Antigo Testamento, ao passo que ele pode ser apenas um “outro” Testamento, como diz Paul Beauchamp (com quem Ricoeur concorda). Indicamos, portanto, a preocupação de Ricoeur, cuja leitura tende a ser não dogmática, pois não deseja limitar o texto bíblico à um dogma, movimento que impediria a percepção de outras interpretações, outras reinterpretações, outras reformulações, como uma teologia do nome divino.⁶

³ RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção: Conversas com François Azouvi e Mard de Launay*. Lisboa: Edições 70, 2009, p. 225.

⁴ RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 226.

⁵ RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 227.

⁶ Cf. RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 227.

É necessário, segundo Ricoeur, que exista, inicialmente, um contato da exegese com outras sensibilidades das pesquisas em humanas. No caso, o próprio cânone deveria ser a mediação por excelência da leitura da narrativa. O resgate da leitura canônica é dar ao texto a autonomia que lhe pertence, de modo que tal autonomia é também a abertura para novas reflexões. “É, segundo penso, ao nível desta exegese canônica que começam a cindir-se o teológico e o filosófico”⁷, concluiu Ricoeur.

A transmissão e recepção do nome divino: uma ontologia quebrada

Há uma diferença decisiva entre a atitude crítica e a atitude adesiva de quem lê o texto bíblico. A abordagem filosófica é crítica em relação aos textos, enquanto a abordagem religiosa é adesiva – leitura confessional – pois há a adesão à uma palavra que é anterior e maior que o indivíduo. Existe na filosofia algo semelhante (como, no âmbito platônico, o mundo das ideias que precedo ao sujeito), entretanto, a aproximação filosófica é predominantemente crítica, ao passo que a religiosa oferece crédito à palavra instauradora. A recepção e adesão do texto bíblico é uma das características da teologia do nome divino. Nos limites do cânone há a integração do indivíduo com o “círculo hermenêutico”, que Ricoeur anuncia: “conheço esta palavra porque está escrita, e está escrita porque é recebida e lida; e esta leitura é aceita por uma comunidade que, por isso, aceita ser decifrada pelos seus textos fundadores; ora, é esta comunidade que os lê.”⁸ Assim, a leitura do sujeito religioso aceita e adere à esta grande circulação entre uma palavra fundadora, textos mediadores e tradições de interpretação. O próprio Ricoeur se reconhece neste ciclo onde as histórias geram interpretações e, conseqüentemente, tradições:

Minha relação com a pessoa e a figura de Jesus é, portanto, duplamente mediada: pelos próprios textos canônicos carregados de interpretação e pelas tradições de interpretações que fazem parte do patrimônio cultural e da motivação profunda das minhas convicções. É nesse sentido que eu me reconheci como “aderente” à tradição evangélica reformada.⁹

Feito o reconhecimento da mediação das narrativas bíblicas, para a investigação do nome divino em Ricoeur o ponto de partida do filósofo está, além das considerações hermenêuticas já apontadas, na *ontologia quebrada*. “O homem é um ser que não coincide consigo mesmo. É um ser que comporta uma negatividade”¹⁰. Há, na vida, aspectos de *falta e transcendência* – que caracterizam a *vontade* e seus consentimentos. A dualidade da realidade comporta o problema da possibilidade do *mal*¹¹, que aponta para a *falibilidade* do ser humano.¹² A experiência fundamental do ser, em sua reconciliação com o devir da vida, é exprimida através do *símbolo*. Símbolos são interpretações criadoras de sentidos. “O ser se dá ao homem mediante

⁷ RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 227.

⁸ RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 229.

⁹ “My relation to the person and figure of Jesus is thus doubly mediated: by the canonical texts themselves loaded with interpretation and by the traditions of interpretations that are part of the cultural heritage and deep motivation of my convictions. It is in this sense that I recognized myself as ‘adhering’ to the Reformed evangelical tradition”. RICOEUR, Paul. *Living up to Death*. The University of Chicago Press: Chicago, 2007, p. 68.

¹⁰ Cf. JAPIASSU, Hilton. “Paul Ricoeur: o filósofo do sentido”, In: RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p. 2.

¹¹ Cf. *La symbolique du mal*.

¹² Cf. *Philosophie de la volonté. Tome II: Finitude et culpabilité*.

sequências simbólicas, de tal forma que toda coisa é ser, toda existência como relação ao ser, já é uma *hermenêutica*”.¹³ Nesta dinâmica o ser humano é introduzido no estado nascente da *linguagem*. Na linguagem, pelos símbolos, o ser humano constitui a *metáfora*, que é a inovação semântica da linguagem. Para além da experiência das coisas e dos acontecimentos, das próprias palavras e dos conceitos, a narrativa que carrega metáforas, símbolos e sentidos profundos se situa na interpretação capaz de revelar a experiência ontológica que é a relação do ser humano com aquilo que o constitui, i.e., o foco de sentido.

A questão da narrativa é o ponto de partida para a compreensão da teologia do nome de Deus diante da ontologia quebrada. Ricoeur medita sobre a linguagem, utilizando o método fenomenológico, e suspende o debate sobre a validade das experiências religiosas ao fixar uma especificidade para a “abordagem hermenêutica”¹⁴: os textos precedem a vida¹⁵ – mas não estão acima da vida. O interesse do filósofo está em apontar um caminho para a ontologia, que não pretende reconstituir a ontologia, mas mostrar que é possível viver diante das “quedas”. Deste modo, as narrativas precedem o sujeito, justamente porque o discurso consiste no sujeito que diz *algo* para outro sujeito *sobre algo*. A função referencial do discurso instaura um mundo – e na escrita, ao dirigir-se a qualquer sujeito que saiba ler, o mundo está além dos interlocutores. O *mundo do texto* comporta a nomeação de Deus que foi feita num passado de tradição oral. Nesta perspectiva, Deus é o referente último dos textos bíblicos, que está, de algum modo, implicado pelo mundo do texto que é desdobrado diante do leitor.

A revelação e a nomeação do nome divino

O nome divino se revela de muitas formas – dentre elas, a própria filosofia com seus discursos acerca da existência de Deus também sugere um modo de revelação. Diferentemente de Tomás de Aquino, que buscou comprovar a existência de Deus, para Ricoeur a categoria “Deus” pertence à um título primordial, um nível de discurso que é originário em relação a enunciados especulativos.¹⁶ Influenciado por Kant, Ricoeur suspende os valores de questões como “Deus existe”, “Deus é imutável”, “Deus é todo poderoso”, “Deus é a causa primeira” para, antes, refletir sobre as nomeações – ou narrativas – bíblicas de Deus que acrescentam descrições e referências à descrição do mundo narrado na Bíblia.¹⁷ De tal modo, “posso nomear Deus em minha fé porque os textos que me foram pregados já o nomearam”¹⁸, disse Ricoeur. A narrativa bíblica preserva o nome divino no registro escrito e torna possível a experiência religiosa atual mediada pelos textos bíblicos. A nomeação e sua referência na narrativa são recebidas pelo sujeito e envolvem questões religiosas da insuficiência, renúncia e autonomia. Ao contrário de Tomás de Aquino e Heidegger, a onto-teologia, para Ricoeur, devido o teor das narrativas, seria um salto da reflexão

¹³ JAPIASSU, Hilton. “Paul Ricoeur: o filósofo do sentido”, In: RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*, p. 3.

¹⁴ Com a expressão “abordagem hermenêutica” Ricoeur se refere à recusa das hipóteses essencialmente literárias. Para ele, todo texto é, em primeiro lugar, uma experiência de vida que é levada à linguagem.

¹⁵ RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus (1977). In *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 183.

¹⁶ RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus (1977). In *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*, p. 189.

¹⁷ Enquanto para Tomás de Aquino faz defesa da nomeação narrativo-bíblica e da nomeação filosófico-metafísica de Deus com base na analogia do ser, a hermenêutica de Ricoeur tem como base a analogia metafórica, deixando pressupostos gnosiológicos de natureza metafísica. SALLES, Sergio. Nomear Deus: Tomás de Aquino e Paul Ricoeur. In: *Aquinate*, n.º. 12, Niterói: Cadernos da Aquinete, (2010), p. 65.

¹⁸ RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus (1977). In *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*, p. 183.

teológica capaz de trabalhar com as histórias do texto, onde os significados da narração e, sobretudo, da profecia foram submetidos à racionalização – ao invés de serem integrados e vividos tanto na especulação filosófica como na reflexão transcendental.¹⁹

Aqui, notamos a importância do conceito de *revelação* para Ricoeur. Na revelação, a linguagem celebra a si mesma e Deus se torna possível. Revelar é descobrir o que até então estava oculto.²⁰ No sentido bíblico, a função poética da narrativa aproxima a revelação do mundo de nosso enraizamento originário. A revelação é a urgência de um conceito de verdade, que se diferencia dos critérios de verificação e falsidade positivista. A verdade manifestada na revelação é um conceito no qual o sentido do ser se mostra tal como ele é. “O que se mostra”, diz Ricoeur, “é cada vez a proposição de um mundo, de um mundo tal qual eu possa projetar nele meus possíveis mais próprios”.²¹ A nomeação de Deus é uma atividade poética sem incidência sobre a descrição positivista da verificação e falsificação – é, sobretudo, um conhecimento verdadeiro do mundo que é manifestado e aberto.²² A nomeação de Deus, portanto, nesta aproximação original, é o desdobramento de um mundo que está dentro do mundo do texto (no caso, o mundo bíblico), quando este se manifesta poeticamente e, assim, revela um mundo que poderíamos habitar.²³

Hermenêuticas do nome divino no texto bíblico

O nome divino nos textos bíblicos delimita o caráter religioso no interior do poético e apresenta um mundo ao leitor. Para Ricoeur, a Palavra Deus pertence à uma tradição que é múltipla e complexa.²⁴ A anterioridade do texto em relação à vida abraça uma polifonia de expressões de fé que se corresponde com a própria vida. Diante da polifonia de sentidos na narrativa bíblica, há, também, aspectos diversos no próprio Deus que é narrado (devido as diferentes intencionalidades e relações que o texto carrega e recebe). Dentre as características do divino, Ricoeur destaca seu aspecto duplo que se dá no ápice da profecia. Falar de Deus, enquanto atitude profética, é inspiração de primeira pessoa a primeira pessoa. A revelação, que acontece na profecia, “ocorre entre o secreto e o revelado”²⁵. Para Ricoeur a religiosidade que confessa a revelação dupla de Deus, i.e., o Deus que se revela é também um Deus oculto, não pode compor um corpo de verdades das quais uma instituição possa ostentá-la ou possuí-la.²⁶ Desta forma, é possível conhecer Deus, mas em parte, não totalmente, assim como se pode conhecer, também em parte, Cristo, os Evangelhos, a salvação e a fé. Uma boa teologia, seguindo as recomendações hermenêuticas do filósofo, seria uma teologia humilde, pois possui consciência de que é possível conhecer as nomeações e revelações de Deus, mas que não é possível conhecer todas totalmente. O mistério faz parte da nomeação de Deus e diferentes interpretações acerca do nome divino podem coexistir e, principalmente, dialogar entre si.

¹⁹ RICOEUR, Paul. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 89.

²⁰ RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus (1977). In *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*, p. 188.

²¹ RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus (1977). In *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*, p. 188.

²² RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus (1977). In *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*, p. 187.

²³ RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus (1977). In *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*, p. 189.

²⁴ Cf. a manifestação de Deus em Êxodo 3:14, onde ele se manifesta mas, ao mesmo tempo, guarda para si seu maior segredo: a nomeação inomeável.

²⁵ RICOEUR, Paul. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*, p. 89.

²⁶ RICOEUR, Paul. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*, p. 89.

A diversidade de narrativas bíblicas (discurso profético, narrativo, prescritivo, da sabedoria e hínico), além de serem diálogos internos ao próprio texto, são expressões originárias da fé que nomeiam Deus junta e diversamente. Estas expressões, segundo Ricoeur, superando o trabalho de Karl Jaspers²⁷, são *expressões-limite* acerca da condição humana retrata no texto.²⁸ O texto bíblico comporta, no caso das parábolas, estrutura narrativa, processo metafórico e expressão-limite. Esta constituição resume a nomeação de Deus:

“através de sua estrutura narrativa, ela lembra o primeiríssimo enraizamento da linguagem da fé. Através de seu processo metafórico, ela torna manifesto o caráter poético (no sentido que usamos acima) da linguagem da fé em seu conjunto. Finalmente, ao unir metáfora e expressão-limite, ela fornece a própria matriz da linguagem teológica, na medida em que esta une a analogia e a negação na via da eminência.”²⁹

Em suma, o trabalho dialético na expressão-limite do nome de Deus abre uma teologia da linguagem poética na Bíblia. A tentativa de Paul Tillich em descrever Deus como uma palavra que remete ao ser-em-si (para usar uma palavra de Ricoeur, um *arqui-referente*) nada mais é do que a preservação exagerada do sentido simbólico da metáfora divina – que se desvia das tentações da coerção da lógica. Na linguagem poética, para Ricoeur, está a criatividade semântica que abre um mundo: o mundo do texto. Tal mundo, ao ser apresentado ao leitor, desdobra-se e ganha sentido na vida. A linguagem poética não designa um gênero literário, mas uma função: despertar a suscitação de uma nova compreensão de si. Evidentemente a Bíblia não se limita apenas à linguagem poética; todos os gêneros literários invocados no texto, desde a narração à parábola, constituem o “falar de Deus”.³⁰ E é neste falar de Deus que o verbo poético sofre mutações de sentido e constituem experiências e funda mundos para o leitor da Bíblia.

Um nome divino possível, um ser humano possível

Para prosseguirmos com a reflexão e as implicações de uma teologia do nome divino, precisamos dar mais ênfase no teor ontológica. No caso, Richard Kearney, que estudou com Paul Ricoeur a questão do *possível* (*possible*), elucida-nos acerca do ser humano capaz e do Deus capaz. O percurso do reconhecimento do ser humano diante às narrativas que constituem seu mundo leva à uma ontologia do possível, à partir da capacidade que está ao alcance da humanidade. Na teologia, este ser humano capaz é caracterizado por uma escatologia do possível. É neste sentido que o nome divino inaugura não apenas uma outra ontologia, mas, também, uma ideia de um Deus capaz.³¹

²⁷ No caso, as situações-limite, que falam da falta, do fracasso, da morte e da luta; sendo que para Ricoeur as experiências-limite podem ser também experiências criativas e alegres.

²⁸ Cf. RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus (1977). In *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*, p. 195.

²⁹ RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus (1977). In *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*, p. 197.

³⁰ Cf. RICOEUR, Paul. Entre filosofia e teologia II: Nomear Deus (1977). In *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*, p. 197.

³¹ KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*. Presses Universitaires de France: Paris, 2006, p. 39.

Segundo Kearney, o aspecto central da possibilidade ricoeuriana está no lugar entre a fragilidade e a capacidade humana, entre o sofrer e o agir. Tal lugar não é negligenciável para Ricoeur. Há uma *via media* neste lugar.³² A ontologia do possível se encontra entre dois polos alternativos: por um lado a onto-teologia tradicional (que pensou o ser enquanto substância ou presença) e por outro a desconstrução desta onto-teologia (proposta por Derrida como “metafísica da presença”). A *via media* de Ricoeur, que evita estas duas extremidades, contém a promessa de que os seres humanos, frágeis e finitos, são capazes apesar de tudo.

Neste sentido, Ricoeur acompanha a filosofia de Merleau-Ponty onde o *Eu posso* (*Je peux*) precede o *Eu penso* (*Je pense*). Esta precedência influenciará sua teologia do nome divino quando Ricoeur faz uma hermenêutica da *dunamis* de Aristóteles até o *conatus* de Espinoza para interpretar a força da narrativa bíblica que nomeia um Deus para a indivíduo que tem tal texto como instrumento de reconhecimento em sua religiosidade e prática diária. Uma fenomenologia do possível implica no conhecimento das nomeações possíveis.³³ Em uma conferência, Ricoeur menciona a importância da “fenomenologia do *Eu posso*”:

A analogia da ação é jogada em uma fenomenologia altamente diferenciada onde eu posso falar, eu posso agir, posso me recontar, ou seja, a saber a capacidade de nomear-me a mim mesmo. Então, eu diria que é a fenomenologia do eu posso que corta e me permite concentrar-me sobre a leitura do repertório dinâmica-energia em sua capacidade de articular discursos fenomenológicos.³⁴

Portanto, a fenomenologia do possível de Ricoeur está inserida no domínio da ação da paixão humana. O *Eu posso* está estruturado na ideia do ser que age e sofre. “O ser humano como ser ativo/eficaz/dinâmico”³⁵. É neste sentido que Ricoeur chega à uma fenomenologia da *atestação*³⁶. Se para Aristóteles o poder (*la puissance*) pode ser conhecido somente pelo ato (deve-se conhecer o ato para conhecer o poder), para Ricoeur a atestação é “um conhecimento do poder”³⁷. Este conhecimento de poder está diretamente relacionado à questão do ser que encontra a sua força na nomeação do nome divino, à questão do ser que atesta uma expressão-limite que lhe confere força e sentido; a exemplo, a manifestação do nome divino no Monte Sinai.

Eu sou o que sou: um mundo fundado pelo nome divino

Para Ricoeur, a nomeação do nome divino configura mundos – os quais, no âmbito da religião, seriam as tradições. As tradições são espaços de orientações para a

³² KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*. p. 40.

³³ Cf. RICOEUR, Paul. “The Power of the Possible”, In: KEARNEY, Richard. *Debates in Continental Philosophy: Conversations With Contemporary Thinkers*. Fordham University Press: New York, 2004.

³⁴ “L’analogie de l’agir se joue sur une phénoménologie très différenciée du je peux parler, je peux agir, je peux me raconter et de l’imputabilité, à savoir la capacité de me désigner moi-même. Alors je dirais que c’est la phénoménologie du je peux qui tranche et qui me permet de privilégier la lecture du rapport *dunamis-energia* au niveau de sa capacité d’articuler le discours phénoménologique”. RICOEUR, Paul *apud* KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*, p. 40.

³⁵ Cf. “A Colloquio con Ricoeur”, In: TURALDO, Fabrizio. *Verità de Metodo: Indagini su Paul Ricoeur*. Il Poligrafo: Padoue, 2000.

³⁶ Cf. KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*, p. 42.

³⁷ RICOEUR, Paul *apud* KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*, p. 42.

vida, onde organiza-se a fé da decisão e orientação moral pela memória cultural e os usos da linguagem, pelo valor da semântica das palavras, pela crença no nome divino e suas práticas ritualísticas.³⁸ É deste modo que, segundo Gilbert Vincent, para Ricoeur o aspecto mais importante da religião está na *esperança*.³⁹ A teologia do nome divino denota esperanças que se confrontam com o mundo da vida. A esperança está no além: não um além, *au-delà*, substancial, mas um além de *horizonte*. A nomeação do divino é um novo horizonte. A vida mediada pela narrativa bíblica é uma vida que traz em si um horizonte esperançoso. Teologias como a de Jürgen Moltmann deram a devida ênfase neste aspecto da esperança na vivência religiosa.

No entanto, o que nos interessa é o aspecto específico do nome divino. A manifestação originária de Deus no texto bíblico, aquela considerada por muitos biblistas como a porta de entrada à narrativa bíblica, está na revelação de Deus a Moisés no Monte Sinai.⁴⁰ É diante esta narrativa que exploraremos a dinâmica do nome divino que aporta esperança (e outras qualidades pertinentes à vida religiosa). Ricoeur se interessou pelo episódio do Êxodo 3,14, onde há o verbo *ser*. Em Êxodo 3,14 há uma narrativa tanto de vocação (com Moisés) como de especulação (com a questão do verbo *ser*). Aqui, se nos motivarmos pelas traduções de Martin Buber ou de Franz Rosenzweig, veremos uma espécie de irrupção especulativa no meio narrativo devido a utilização particular que se fez do verbo *ser*. Conforme conclui Ricoeur, “assim, é preciso dar lugar, na Bíblia, a um registro especulativo”⁴¹. Esta especulação que também faz parte da Bíblia reforça a existência do pensamento bíblico para Ricoeur. Para ele, há uma maneira de pensar e de ser não filosófica.

O ponto de partida desta ontologia é a articulação crítica entre a ontologia grega de Aristóteles e a teologia bíblica do evento da revelação de Deus no Monte Sinai. Em Êxodo 3.14 está o famoso registro da nomeação de Deus, importante tanto para a religiosidade judaico-cristã como para a filosofia de Paul Ricoeur: אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה⁴², *ehyeh asher ehyeh*, comumente traduzido por “eu sou o que sou”. A tradição associou o *ser* hebraico e o *ser* grego. Entretanto, uma pequena nota exegética deve ser feita aqui. No caso da tradição grega, o tradutor da Septuaginta é grego e ao efetuar sua tradução insere nela o verbo grego εἶμι⁴³, introduzindo o conceito grego do “ser entidade” (“Eu sou o *ente*”⁴⁴). Segundo Werner Schmidt, um dos principais teóricos sobre o mundo do Antigo Testamento, o *ser* do Antigo Testamento “não significa um ser em si absoluto”⁴⁵, mas, conforme sugeriu o biblista Milton Schwantes, seu discípulo, um “estar aí/presente/atuante”⁴⁶. “Ricoeur diz que se trata de uma transformação escatológica da ontologia grega”⁴⁷, diz Kearney sobre o movimento

³⁸ RICOEUR, Paul. *L'herméneutique biblique*. Le Cerf: Paris, 2001, p. 103-104.

³⁹ VINCENT, Gilbert. *La religion de Ricoeur*. Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières: Paris, 2008, p. 21.

⁴⁰ Para tal aprofundamento acerca deste acesso privilegiado, conferir os textos de Von Rad e Milton Schwantes.

⁴¹ RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 236.

⁴² Cf. KITTEL, Rudolf, *Biblia Hebraica*, p. 82.

⁴³ Septuaginta: Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes. Edição de Alfred Rahlfs. Stuttgart: Privileg. Weertt. Bibelanstalt, 1950. v. 2.

⁴⁴ SCHMIDT, Werner H., *A fé do Antigo Testamento*, p. 105.

⁴⁵ SCHMIDT, Werner H., *A fé do Antigo Testamento*, p. 104.

⁴⁶ SCHWANTES, Milton. *História de Israel: local e origem*. São José dos Campos: Editora Com Deus, 2004. 144p., p. 154.

⁴⁷ “Ricoeur voit bien qu'il s'agit d'une transformation escatologique de l'ontologie grecque” KEARNEY, Richard. “L'homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrielle. *L'homme capable – Autour de Paul Ricoeur*, p. 45

dinâmico da ontologia do nome divino em Ricoeur. Segue Ricoeur: “É realmente o verbo ser, mas sem significado encontrado pelos gregos”⁴⁸, conclui ele.

Há uma espécie de alargamento do significado do verbo ser, que é o significado de ser-com, de ser-fiel, é o ser do acompanhamento de um povo, mas é realmente um outra dimensão de ser. Quando Aristóteles disse que havia uma variedade de significados do ser, ele não previa o ser do Êxodo 3.14. Então, eu sou desta natureza de alargamento da ontologia em vez de uma reversão da passagem da ontologia do domínio grego ao domínio hebraico⁴⁹.

Pensando em uma ontologia do nome divino em Ricoeur, segundo o próprio autor, o “*eu sou o que sou*” contém a dimensão da promessa, da esperança e, conseqüentemente, da possibilidade, do *ser possível*. A revelação do nome divino tornar-se em um advento do presente e do futuro.⁵⁰ É pela possibilidade de ser, que aponta para uma promessa e uma esperança, que há dinamismo no nome divino, notou Ricoeur no capítulo “Da interpretação à tradução”, em *Pensar a Bíblia*⁵¹. Pelo dinamismo do nome divino, no exercício criativo e humilde da interpretação, vieram inúmeras interpretações sobre o verbo de Javé, a exemplo, “eu sou a vivência”, relacionado ao verbo divino ao verbo arcaico *hawah, jahwesh*, i.e., o *vivente*, aquele que vive, conforme notou Abraham Heschel; ou, ainda, “eu sou o que serei”, como propõe Martin Buber em sua tradução do Antigo Testamento para o alemão. Em latim, *ego sum qui sum*; em francês, *Je suis celui qui suis*. São traduções dinâmicas e que envolvem mundos, mundos que receberam a narrativa do nome divino e traduziram-na para suas respectivas culturas. É neste contexto que o nome divino é recebido em uma determinada sociedade e cultura, onde é compreendido, traduzido e vivenciado pelas pessoas que se permitem mediar através dos conteúdos deste nome. Tal dinâmica de transmissão e recepção denota um modo de ser, que é o modo de ser interpolado pela narrativa do nome divino.

Eu posso o que posso: uma ontologia do nome divino

A “possibilidade de ser” é escatológica – *le possible eschatologique*.⁵² A ontologia, para Ricoeur, é dinâmica e larga. Tal característica implica na vivência da esperança e da escatologia no âmbito da possibilidade de ser. No caso da ontologia do nome divino, para Ricoeur engloba-se tanto o ser de Aristóteles como o ser do Êxodo 3.14. É neste alargamento, nesta “brecha”, que Kearney sugere haver uma passagem do *homem capaz* para o *Deus capaz*. A escatologia torna-se, portanto, o “segredo”

⁴⁸ “C’est vraiment le verbe être, mais dans aucune des significations rencontrées par les Grecs”. RICOEUR, Paul *apud* KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*, p. 45

⁴⁹ “Il y a une sorte d’élargissement du sens du verbe être, c’est le sens de l’être-avec, de l’être-fidèle, c’est l’être de l’accompagnement d’un peuple, mais c’est vraiment une autre dimension de l’être. Quand Aristote a dit qu’il y a une variété de significations de l’être il n’avait pas prévu l’être de l’Exode 3.14. Donc, moi je suis pour cette sorte d’élargissement de l’ontologie plutôt que pour un renversement de l’ontologie en passant du domaine grec au domaine hébraïque”. RICOEUR, Paul. *Colloquio*, p. 254. *apud* KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*, p. 45

⁵⁰ Cf. KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*. Presses Universitaires de France: Paris, 2006, p. 45

⁵¹ Cf. RICOEUR, Paul. “De l’interprétation à la traduction”, In: RICOEUR, Paul. *Penser la Bible*. Éditions du Seuil: Paris, 1998.

⁵² Cf. cf. Ricoeur em “*The Power of the Possible*”, o *pouvoir-être* ou, ainda, para Kearney, o *peut-être*

intelectual e espiritual, de acordo com Ricoeur.⁵³ A passagem do ser ao além do ser – característica ainda não muito clara na obra de Ricoeur, mas que é perceptível em uma análise minuciosa de suas preocupações ontológicas – acontece discretamente em um espaço onde surge, sucintamente, ao final de algumas análises hermenêuticas e religiosas, um horizonte escatológico no qual Ricoeur pode, à partir dele, articular teologia e filosofia – movimento que realizou com cuidado e ressalvas durante seu trabalho, para que não fosse confundido por teólogo.

Deste modo, é fundamental notar ainda que a escatologia em Ricoeur – o horizonte inaugurado pela nomeação do divino – é, segundo Kearney, a escatologia do Deus capaz que vai ao encontro litúrgico do homem capaz. Este encontro dá-se desde um entrelaçamento confessional, como nas narrativas ritualísticas⁵⁴, até o quiasma erótico no livro bíblico *Cântico dos Cânticos*, onde está a chamada “A Metáfora Nupcial”⁵⁵. Portanto, para Kearney, o centro da escatologia ricoeuriana estaria no selamento da aliança no ser humano tanto como sabedoria e desejo. É neste ponto da hermenêutica que Ricoeur fala de uma nomeação de um Deus discreto que respeita o incógnito da intimidade, de corpos com outros corpos. E, conforme elucida Kearney, é precisamente no entre-dois deste corpo-à-corpo que o desejo divino atravessa o desejo humano.⁵⁶ É no vai-e-vem nupcial que o *Eu posso* do homem capaz encontra seu eco no *Tu podes* do Deus capaz – capaz de ser nomeado –, e vice-versa, diante de uma autenticidade burberiana autêntica do Eu-Tu. É, portanto, um movimento duplo de sensibilidade e espiritualidade, de imanência e transcendência, de finitude e infinitude, que comporta a função metafórica do nome divino em Paul Ricoeur.⁵⁷

Portanto, diante da dinâmica do nome divino e da própria vivência, em seu primeiro livro póstumo, publicado em 2008, Ricoeur concluiu que a mediação de sua religiosidade pelo nome divino é um acaso transformado em destino por uma escolha contínua.⁵⁸ Este acaso (ter nascido em lar cristão e ter recebido a tradição do nome divino que lhe fora transmitido) o fez cristão. O que é um cristão para Ricoeur? “Um cristão: alguém que professa a adesão primordial à vida, palavras e morte de Jesus”⁵⁹. Ricoeur acompanha a tradução de André Chouraqui da palavra grega *pistis* (que poderia ser traduzida por “fé”) por “adesão”.⁶⁰ Ricoeur adere à profundidade e ao mistério de Javé, nome que determina uma tradição e interpelação na vida. Esta adesão o faz refletir sobre o papel do nome divino na vida, fazendo-o elaborar uma filosofia que vai da atestação à possibilidade, de modo que o acaso não é mero acaso pois é assumido como escolha e transformado em continuidade pela esperança. É neste âmbito que acontece uma teologia do nome divino em Paul Ricoeur, sobretudo uma teologia narrativa que transmite um modo de ser, uma coragem de ser, através de um nome carregado por uma tradição que transmite metáforas e mitos que ajudam a viver.

⁵³ Cf. RICOEUR, Paul. “The Poetics of Language and Myth”, In: *Debates in Continental Philosophy*. Published by Fordham University Press. Published in print August 2004, p. 99.

⁵⁴ Cf. KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*, p. 46

⁵⁵ Cf. RICOEUR, Paul. *Penser la Bible*. Éditions du Seuil: Paris, 1998.

⁵⁶ Cf. KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*, p. 46

⁵⁷ Cf. KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*, p. 46

⁵⁸ “Un hasard transformé en destin par un choix continu”: mon christianisme”. RICOEUR, Paul. *Vivant jusqu’à la mort*: suivi de fragments. Éditions du Seuil, Mars 2007, p. 99.

⁵⁹ “A Christian: someone who professes a primordial adhesion to the life, the words, the death of Jesus”. RICOEUR, Paul. *Living up to Death*. The University of Chicago Press: Chicago, 2007, p. 69.

⁶⁰ RICOEUR, Paul. *Vivant jusqu’à la mort*, 2007, p. 101.

Considerações

Nesta pesquisa acerca do nome divino em Paul Ricoeur apresentamos algumas teorias do autor que possuem implicações para a hermenêutica bíblica, sobretudo sua teologia do nome divino. “A leitura mais interessante parece ser uma leitura às avessas”⁶¹, diz Ricoeur sobre a leitura da Bíblia. Ao teorizar sobre a teologia do nome divino Ricoeur dá lugar à uma teologia narrativa ao invés de uma teologia dogmática ou ainda uma onto-teologia sobre Deus. O nome divino carrega metáforas que configura tradições, das mais variadas, e formas de expressão, das mais diversas. O auge desta interpretação está na poética que promove a compreensão do mundo diante do texto. A prática de vivência da fé do nome divino é transferida do texto para a vida. A essência poética possibilita refazer o mundo segundo a visada essencial da relação do sujeito com a narrativa bíblica. A palavra Deus torna-se numa expressão-limite que leva à uma experiência-limite, i.e., a superação da ética e do político para a mudança do mundo que é inaugurado pelo texto. O mundo que habitamos é refletido no mundo do texto, e o mundo do texto é a chave de acesso para o mundo habitado – e, na Bíblia, este mundo possui uma referência que pode ser apreendida pela escrita e incorporada na vivência: esta referência se chama Deus.

Referências bibliográficas

- KEARNEY, Richard. “L’homme capable – Dieu capable”. In: Rue Descartes, Hors série, Revue trimestrelle. *L’homme capable – Autour de Paul Ricoeur*. Presses Universitaires de France: Paris, 2006.
- RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção: Conversas com François Azouvi e Mard de Launay*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- RICOEUR, Paul. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- RICOEUR, Paul. *L’herméneutique biblique*. Le Cerf: Paris, 2001.
- RICOEUR, Paul. *Leituras 3: Nas Fronteiras da Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- RICOEUR, Paul. *Living up to Death*. The University of Chicago Press: Chicago, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Penser la Bible*. Éditions du Seuil: Paris, 1998.
- RICOEUR, Paul. “The Poetics of Language and Myth”, In: *Debates in Continental Philosophy*. Published by Fordham University Press. Published in print August 2004.
- RICOEUR, Paul. “The Power of the Possible”, In: KEARNEY, Richard. *Debates in Continental Philosophy: Conversations With Contemporary Thinkers*. Fordham University Press: New York, 2004.
- RICOEUR, Paul. *Vivant jusqu’à la mort: suivi de fragments*. Éditions du Seuil, Mars 2007.
- SALLES, Sergio. Nomear Deus: Tomás de Aquino e Paul Ricoeur. In: *Aquinate*, n.º. 12, Niterói: Cadernos da Aquinete, 2010, 64-77pp.

⁶¹ RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, p. 224.

SCHIMIDT, Werner H., *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel: local e origem*. São José dos Campos: Editora Com Deus, 2004.

Septuaginta: Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes. Edição de Alfred Rahlfs. Stuttgart: Privileg. Weert. Bibelanstalt, 1950. v. 2.

TURALDO, Fabrizio. *Verita de Metodo: Indagini su Paul Ricoeur*. Il Poligrafo: Padoue, 2000.

VINCENT, Gilbert. *La religion de Ricoeur*. Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières: Paris, 2008.

VANSINA, Frans D. *Paul Ricoeur Bibliography Primaire et Secondaire*. Uitgeverij Peeters: Paris, 2008.

Recebido para publicação em 09-03-13; aceito em 21-04-13